

---

## **Racismo estrutural e o seu impacto no ambiente acadêmico a partir de uma perspectiva empírica dos estudantes pretos de Relações Públicas da UFRGS.<sup>1</sup>**

Laura Ferreira DIAS<sup>2</sup>  
Gabriela Gomes MULLET<sup>3</sup>  
Gabriel Ferreira PEDROSO<sup>4</sup>  
Guibson DANTAS<sup>5</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Os afrodescendentes brasileiros sofrem até os dias atuais as consequências do trauma coletivo da escravidão. Entre os vários desafios enfrentados pelos jovens pretos, destaca-se a inserção no meio universitário. Este texto é oriundo de uma pesquisa que buscou analisar o nível de pertencimento dos alunos pretos no âmbito acadêmico do curso de Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir dos resultados obtidos, foram elaboradas duas propostas de intervenção sob a ótica das Relações Públicas com o intuito de intervir nessa realidade e construir um ambiente plural, democrático e humanístico para os públicos que transitam no referido ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** pertencimento; discentes; comunidade universitária; Relações Públicas.

### 1. Introdução

O racismo é um tema presente na pauta de discussões nacionais desde a segunda metade do século XIX, quando o abolicionismo passou a defender a abolição da escravatura e do comércio de africanos e se converteu numa das formas mais representativas de ativismo político até os nossos dias (FAUSTO, 1996). Apesar dos avanços alcançados pelo país no âmbito dos direitos humanos nas últimas décadas (LIMA, 2017), nota-se que ainda há traços do que Muniz Sodré (2023) chama de “racismo brasileiro pós-abolicionista”, ou seja, a vigência de uma forma social

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ03 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Discente no 4º semestre do Curso de Relações Públicas da Fabico/UFRGS, e-mail: lauraferreiradias61@gmail.com.

<sup>3</sup> Discente no 2º semestre do Curso de Relações Públicas da Fabico/UFRGS, e-mail: gabrielamullet75@gmail.com.

<sup>4</sup> Discente no 4º semestre do Curso de Relações Públicas da Fabico/UFRGS, e-mail: fpedroso.gabriel@gmail.com.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Relações Públicas da UFRGS, e-mail: guibsondantas@outlook.com

---

escravista adaptada ao nosso tempo, em que status e branquitude tomam o lugar das antigas formas de segregação.

Um dos locais públicos onde isso é visível é o ambiente universitário, pois o acesso à universidade pública ainda é um grande desafio enfrentado pela população preta, mesmo depois de ter logrado o direito às cotas raciais nas universidades públicas após uma longa batalha empreendida pelos movimentos sociais.

Entretanto, de acordo com Ristoff (2012), o experimento de fortalecimento do Ensino Superior no Brasil se deu mais como um processo de expansão do que propriamente de democratização. Ademais, para além das dificuldades econômicas, pouco se debate acerca da eminente falta de sentimento de pertencimento dos discentes pretos na universidade, onde, ao ingressar, se deparam com um ambiente majoritariamente ocupado por pessoas brancas e norteado por referências teóricas advindas de países colonizadores, o que impacta na marginalização social dessa população no âmbito acadêmico.

Com isso, esses estudantes possuem a desafiadora função de lidar com o racismo estrutural, uma vez que ele não requer a intenção consciente de indivíduos para funcionar. Ele é resultado de processos históricos, políticos, econômicos e culturais que estabeleceram desigualdades raciais e as mantêm ao longo do tempo.

O racismo estrutural influencia o acesso a uma educação de qualidade e a oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional de jovens pretos. Por conta desse problema histórico, o presente trabalho tem como objetivo fornecer uma visão geral dos principais resultados e conclusões advindas de uma pesquisa intitulada 'O racismo estrutural e os seus impactos no ambiente acadêmico: relações sociais na perspectiva empírica dos estudantes pretos de Relações Públicas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação na UFRGS'.

A pesquisa foi conduzida para investigar o racismo estrutural e suas características, identificar possíveis interferências no desenvolvimento do estudante preto no âmbito acadêmico do curso de Relações Públicas da UFRGS. Com os resultados, objetivou-se identificar os motivos que levam a provável falta de pertencimento do estudante preto no citado curso com o intuito de contribuir para a construção de um ambiente acadêmico mais plural, isto é, mais representativo para a juventude preta que transita naquele local. Vale ressaltar que pertencer significa

---

compartilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, assim formando vínculos.

“O sentimento de pertencimento é uma forma de incentivar as pessoas a valorizarem e cuidarem do lugar que estão inseridos. A ideia de pertencimento institui uma identidade no indivíduo que o fará refletir mais sobre a vida e o ambiente, desencadeando uma postura crítica e reflexiva dentro do local onde ele se encontra. Os sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar possuem significados, sentidos e valores que são lapidados a cada momento. Haja vista que o contexto escolar oferece inúmeras possibilidades enriquecedoras capazes de desenvolver habilidades de ação e reflexão do aluno em relação às suas condutas e valores sociais, vemos de suma importância explorar a questão ambiental para o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento e identidade.” (SILVA, 2018, p.133).

Para lograr os resultados, foi empreendida uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo exploratória, com a adoção da técnica entrevista em profundidade (DUARTE, 2009) para a coleta de dados. As entrevistas foram realizadas de forma individual, norteadas por um roteiro semiestruturado de sete perguntas (GIL, 2008).

Além das entrevistas, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica (SALVADOR, 1982) e a pesquisa documental (CELLARD, 2008) para a obtenção de dados complementares. Para a elaboração da pesquisa, foram levantados o número de cotistas pretos dos anos 2020 e 2021 através do portal de divulgação da Comissão Permanente de Divulgação (COPERSE) da UFRGS - sendo esses dados, respectivamente, de 8 e 3, totalizando 11.

Para a seleção dos entrevistados foram utilizados os critérios de cota racial, ingresso 2020 e 2021. Ao todo, foram efetuadas três entrevistas e duração de aproximadamente 30 minutos em formato remoto, gravadas em áudio e transcritas, a fim de permitir o registro literal e integral do conteúdo e a captação de detalhes das respostas para uma análise mais precisa dos dados e informações obtidas.

## 2. Resultado das entrevistas.

Na primeira questão, tinha-se o propósito de conhecer os entrevistados. Sendo assim, foram questionados o semestre em que ele se encontrava, quais disciplinas estava cursando e se estava realizando estágio. O primeiro entrevistado atestou estar no 4º semestre e já ter concluído 20 disciplinas do currículo e que fazia estágio naquele

---

momento. Já o segundo entrevistado, estava no 2º semestre e no momento não estava realizando estágio. Por fim, o terceiro entrevistado também se encontrava no 2º semestre, estava cursando cinco disciplinas e fazia estágio.

A segunda questão objetivava saber se os entrevistados se sentiam representados dentro do curso de Relações Públicas da UFRGS. Frente a isso, os entrevistados relataram que não se sentiam representados nas relações étnico-raciais, em virtude da carência de discentes e docentes pretos no curso de Relações Públicas, como fica evidente na fala de um dos entrevistados:

“(...) Eu não me sinto muito representado, tanto na questão de profissionais, no meio profissional, quanto professores, não vejo professores semelhantes a mim, que tenham a mesma história, o mesmo corre que eu. Eu também não vejo muitos alunos que tenham a mesma história, a mesma trajetória que eu”.

Sob a perspectiva que enxerga o racismo em uma dimensão institucional, a desigualdade racial não é simplesmente resultado de ações isoladas de grupos ou indivíduos racistas, mas sim porque as instituições são dominadas por grupos raciais que controlam o funcionamento da sociedade para impor seus interesses políticos e econômicos, determinando que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um grupo específico se tornem o padrão civilizatório da sociedade. Isso significa que as normas culturais, estéticas e as relações de poder desse grupo são vistas como referência, enquanto outras culturas e perspectivas são marginalizadas ou ignoradas.

A supremacia branca no controle institucional é realmente um problema, na medida em que a ausência de pessoas não brancas em espaços de poder e prestígio é um sintoma de uma sociedade desigual e, particularmente, racista. Portanto, é fundamental para a luta antirracista que pessoas negras e outras minorias estejam representadas nos espaços de poder, seja por motivos econômicos e políticos, seja por motivos éticos (ALMEIDA, 2009).

Com isso, esses estudantes possuem a desafiadora função de lidar com o racismo estrutural que, de acordo com Almeida (2019), refere-se a um sistema de opressão e discriminação que está enraizado nas estruturas e instituições sociais.

Logo, a questão posterior teve o objetivo de reconhecer se há um impacto no desempenho acadêmico dos discentes, devido à falta de representatividade no curso. Segundo eles, o referido ambiente acadêmico provocava um sentimento de não pertencimento, o que acabava impactando na dificuldade de socialização, pois o que

---

acaba predominando nessas relações é o sentimento de exclusão. Diante desse fato, um dos entrevistados afirma haver uma implicação na performance acadêmica devido a falta de representatividade:

“(…) Acredito fielmente que a falta de representatividade afeta o desempenho acadêmico porque é muito difícil a gente se espelhar em experiências de pessoas brancas, que muitas das vezes nunca passa pelo que a gente passa. Ter uma pessoa negra ali como um exemplo, uma representatividade, faz toda a diferença no desempenho acadêmico, nas nossas vivências ali”.

A quarta questão tratou de compreender se os entrevistados sentiam essa distinção em relação a sua raça. Dos três, dois relataram sentir um tratamento diferente dos seus colegas brancos, além de também notarem uma preterição dos professores por conta do contexto socioeconômico-cultural ao qual estavam inseridos. Um dos entrevistados disse o seguinte:

“(…) às visões que eles têm de quando eram alunos é uma visão diferente da minha, um aluno carente, pobre tá ligado? Negro, que vem de outro role, vem de escola pública, tá ligado? Eles meio que tem a visão do aluno universitário que veio de escola privada, que chega em casa e não tem que lavar uma louça, não tem que comer nada, as únicas demandas são universitárias. Eles acabam realmente, em algum ponto, tratando melhor esse aluno que só tem as questões universitárias. No meu ver”.

Para melhor mapear as diversas formas que o racismo se estrutura, foi proposta na quinta questão que os entrevistados, de forma voluntária, citassem uma situação discriminatória. Dos três entrevistados, dois relataram terem sido vítimas e um outro - que, na pergunta anterior, afirmou não sentir distinção de tratamento - relembra situações vexatórias nesse sentido.

“Sim, já passei por diversas situações discriminatórias, né? E muitas delas eu nunca soube reagir ou eu guardava pra mim, né? Porque achava que as pessoas não iam acreditar que era algo envolvendo o racismo, né? Então muitas das vezes eu guardava pra mim ou eu só não conseguia reagir porque ficava em choque”.

O fato do entrevistado negar distinções de tratamento e logo depois reconhecer ter sido vítima de discriminação é próprio da pessoa preta que naturaliza as pequenas formas de materialização do racismo. Almeida (2019, p.20), aponta esse fenômeno como consequência da racialização, pois, de acordo com o autor, raça é “um fator

---

político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários”.

Neste sentido, o relato de outro entrevistado é um testemunho importante de situações de racismo vividas por alunos pretos dentro da universidade:

“(...) dentro do ambiente acadêmico já tiveram várias situações que os guardas da universidade me perguntarem o que eu estava fazendo no campus, me solicitarem o cartão da UFRGS e tal. Lá no Vale teve um acontecimento que me marcou muito, que eu estava indo pro RU uma vez e os guardas me pararam, pediram para ver minha mochila, minha carteirinha, fizeram uma revista minha dentro do campus, perguntaram o que eu estava fazendo, para onde eu estava indo e esse fato me marcou muito, porque eles falaram que isso era padrão, só rotina para manter a segurança e não me lembro de nenhum outro colega relatar isso, que aconteceu com ele. Então, acho que dá para classificar como um ato discriminatório, né?”

Com o intuito de entender a dinâmica de relação social dos participantes da pesquisa, na sexta pergunta eles foram perguntados se instituíam relações de amizade com pessoas pretas. Eles foram unânimes em afirmar que mantinham laços de amizade com outros jovens pretos. Portanto, há uma procura por reconhecimento sociorracial, conforme afirma Bonilha (2011, p. 161):

(...) o reconhecimento e a própria identidade dependem, em última instância, das relações com os outros. Nessa perspectiva, os alunos negros não se reconhecem no espaço acadêmico, que parece destinado e totalmente formatado para outros alunos que não eles, nas conversas entre os colegas; na forma de se expressar; nas rotinas de estudo; na estrutura física dos espaços; no acesso a bens materiais.

Finalmente, na sétima questão, buscou-se entender se os entrevistados observavam alguma resistência no relacionamento com os seus colegas brancos. O primeiro entrevistado afirmou ter facilidade, entretanto, diz preferir se relacionar com pessoas pretas por questões de vivências, pois elas compreendem suas questões pessoais. Já o segundo entrevistado afirmou que se sente deslocado nos diálogos, nas demandas e nas perspectivas dos seus colegas brancos, dado que possuem uma realidade diferente. E por último, o terceiro entrevistado disse sentir um pouco de

---

dificuldade por não ter afinidade em gostos musicais e locais de entretenimento frequentados pelos seus colegas brancos.

### 3. Propostas de intervenção.

Ao analisar os dados coletados e considerar as implicações que envolveram o estudo, concluiu-se que o racismo estrutural é perpetuado nas diferentes camadas do curso de Relações Públicas da UFRGS. Esse fenômeno interfere diretamente no desempenho acadêmico dos estudantes pretos, mesmo quando a discriminação não acontece de forma explícita.

Com o intuito de intervir nessa realidade e construir um ambiente plural, democrático e humanístico, propõe-se a criação de propostas a partir do referencial teórico da área de Relações Públicas, que muito além das esferas corporativas e organizacionais, busca harmonizar interesses (DANTAS, 2016; DANTAS, 2022; DANTAS, 2023).

#### 3.1. Fortalecimento de eventos que reforcem a ideia de representatividade.

A promoção e fortalecimento de eventos/projetos/programas antirracistas dentro de uma universidade, por meio de estratégias de Relações Públicas, desempenha um papel crucial na conscientização, educação e transformação das questões raciais. Em 2021, o programa "Rumos mais pretos" promoveu o acesso, a capacitação, a inclusão e a permanência de pessoas negras, estudantes de comunicação, no mercado de comunicação, através da parceria entre a agência DZ e a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Fabico), o programa tem como objetivo promover a diversidade e inclusão no mercado publicitário por meio de workshops, vagas de estágio e mentorias. O programa é fruto de pesquisas desenvolvidas na universidade (Projeto Rumos da Publicidade, liderado por Elisa Piedras - FABICO /PPGCOM/ UFRGS) que demonstram a ausência de representatividade de pessoas negras nos espaços da produção publicitária, as representações inadequadas e racistas que circulam nos anúncios desenvolvidos por times que não têm diversidade e a falta de reconhecimento dos saberes e talentos pretos nesses processos.

---

Dessa forma, é perceptível que várias as universidades que possuem campus em Porto Alegre<sup>6</sup> estão colaborando para a inovação social por meio de políticas de ações afirmativas, algumas aperfeiçoando o que já vem sendo feito há muitos anos e outras iniciando esse movimento de reparação histórica. No mercado de comunicação, a representatividade de pessoas pretas ainda é muito pequena. Acredita-se que um mercado rico em diversidade é essencial para que tenhamos trabalhos com representações cada vez mais agregadoras e plurais.

Além disso, no presente ano, testemunhamos o lançamento do Programa Pertencer, uma iniciativa desenvolvida pelo Fundo Amanhã (Instituição de doações da UFRGS) e conduzida por estudantes da Faculdade de Administração da UFRGS. Esse programa tem como propósito oferecer suporte à comunidade universitária, reforçando ainda mais os laços entre a instituição e seus membros, seu principal objetivo é o desenvolvimento de trajetórias profissionais desses jovens, bem como no respaldo de suas atividades acadêmicas e na viabilização de sua permanência contínua na instituição de ensino superior. O programa é direcionado a estudantes de graduação pretos, pardos e indígenas que possuem possíveis limitações financeiras, facilitando a inserção desses estudantes no mercado de trabalho.

A estrutura do Programa Pertencer se concretiza por meio de um procedimento de seleção que destina a possibilitar que os estudantes concorram a um total de 15 bolsas, cada uma no valor de R\$800,00 reais ao mês. Além disso, o programa contempla a concessão de 15 bolsas para a conclusão de um curso de inglês, cuja duração é de um ano, também é garantido orientação psicológica com foco em rede de apoio, *match* de vagas que visa alocar ou inserir os jovens no mercado e por fim, auxilia na participação de eventos direcionados a gerar conhecimento nas áreas de inovação, negócios e empreendedorismo, o projeto ainda está em desenvolvimento.

Esses projetos não apenas educam a comunidade universitária sobre a história e os desafios enfrentados por diferentes grupos raciais, mas também desconstrói preconceitos arraigados e promovem a valorização da diversidade étnico-racial. Ao dar voz a grupos sub-representados, esses programas empoderam e inspiram diálogos construtivos, levando a mudanças significativas nas atitudes e comportamentos das pessoas. Além disso, eles demonstram o compromisso da universidade com a

---

<sup>6</sup> UFRGS, Uniritter, ESPM, Unisinos e PUCRS.



---

responsabilidade social, preparando os alunos para um mundo diversificado e incentivando ações concretas em prol da justiça social.

A comunicação atua como um fio condutor que conecta todos os elementos envolvidos, amplificando a mensagem, promovendo a participação e influenciando a mudança. Com isso, desempenha um papel intrínseco e multifacetado na promoção de eventos, projetos e programas antirracistas dentro de uma universidade, por meio de estratégias de Relações Públicas. Nas entrelinhas desse processo, a comunicação é o elo que sensibiliza, engaja e mobiliza. Ela amplia a visibilidade dos eventos, atraindo a atenção de públicos diversos e estimulando diálogos significativos.

A comunicação não se estabelece, portanto, entre conjuntos constituídos, diferentes, animados pela mesma busca do sentido universal de normas aceitas, mas por condutas coletivas que se esforçam para resolver os mesmos problemas fundamentais. (COGO, 2015 p.112)

Portanto, o fortalecimento e a promoção desses eventos estimulam a criação de parcerias sólidas para facilitar o acesso a informações cruciais sobre representatividade, garantindo uma participação ativa de toda comunidade acadêmica. Ao inspirar a ação, as Relações Públicas ajudam no processo de conscientização em movimento, ao difundir mensagens poderosas com impacto real e duradouro.

### 3.2. Fomento de um referencial teórico plural e representativo.

A ausência de autores pretos no referencial teórico do curso de Relações Públicas dificulta a promoção de uma educação inclusiva e sensível à diversidade. Com isso, na tentativa de buscar um ambiente mais representativo, esforça-se através de estratégias comunicacionais, ampliando as perspectivas abordadas no currículo. Essa abordagem enriquece a compreensão dos estudantes sobre questões raciais, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza as contribuições muitas vezes negligenciadas desses pensadores.

Além disso, a inclusão de autores pretos é uma tentativa de combater o racismo estrutural ao desconstruir estereótipos prejudiciais e ao preparar os futuros profissionais para uma comunicação respeitosa e inclusiva. Tal avanço acarretaria um melhor desempenho dos jovens dessa comunidade, uma vez que a visualização de pessoas similares contribui para a sensação de pertencimento e representação profissional, uma

---

vez que a inclusão de pensadores pretos no referencial teórico das disciplinas faria com que esses alunos encontrassem uma figura de espelhamento e inspiração no ambiente acadêmico.

No cenário artístico brasileiro atual, sobretudo o literário, ainda no século XXI, encontramos uma representatividade afro-brasileira pouco divulgada. Infelizmente, a produção e a leitura de obras escritas por sujeitos negros, não raro, vêm encontrando barreiras para que possam obter a devida legitimidade junto aos clássicos consagrados e essa questão, como se sabe, se apresenta por pontos bem marcados. (NORONHA PEREIRA, 2022, p. 70 )

Com uma possível introdução de referencial teórico no currículo educacional, possibilita-se trocas dialógicas impulsionada pelo referencial baseada em saberes pretos, na qual pode-se encontrar uma rica diversidade nas percepções. Essa interação se fundamenta em variadas experiências pessoais, conhecimentos prévios, níveis de educação, leituras, trajetórias profissionais e jornadas de aprendizado através da representatividade. Essa multiplicidade de perspectivas, inegavelmente, desempenha um papel determinante no processo educativo e transformador. Além disso, essa abordagem sustenta a representatividade, possibilitando a expressão autêntica de diferentes vozes e contribuindo para a evolução significativa da prática em questão.

### Considerações Finais

Finalizada a análise qualitativa do problema de pesquisa, concluiu-se que o racismo estrutural é perpetuado nas diferentes camadas do curso de Relações Públicas da UFRGS. Esse fenômeno interfere diretamente no desempenho acadêmico dos estudantes pretos, mesmo quando a discriminação não acontece de forma explícita.

Conforme projetado nos objetivos de pesquisa, constatou-se que a falta de pessoas pretas no corpo discente e docente da universidade faz com que os estudantes pretos se sintam menos acolhidos e representados em relação aos seus colegas brancos. Além disso, questões de identificação social e racial contribuem para que os integrantes da comunidade negra universitária estabeleçam um ciclo mais restrito entre eles, pois não encontram o mesmo tipo de identificação para com os seus colegas brancos.

Desta forma, a inclusão de pensadores pretos no referencial teórico das disciplinas faria com que os alunos pretos encontrassem uma figura de espelhamento e

---

inspiração no ambiente acadêmico. Estima-se que tal avanço melhoraria o desempenho dos estudantes dessa comunidade, uma vez que a visualização de produção teórica elaborada por pessoas similares contribuiria para a sensação de pertencimento e representação profissional.

Ademais, para futuros estudos similares, são endereçados alguns caminhos. Em primeiro lugar, a realização dessa temática em outros cursos da UFRGS, para que enriqueça a análise de dados e interpretações a partir da diversidade de pessoas pretas que fazem parte da universidade. Em seguida, tornar os programas de inclusão permanentes e a criação de novos para que fomente a importância para o ambiente acadêmico, visando a evolução e representatividade dos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaia, 2019.

BONILHA, T. P. **Ações afirmativas e integração do negro no ensino superior: uma relação possível?** ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 152–167, 2011. DOI: 10.20396/etd.v13i1.1171. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1171>. Acesso em: 12 ago. 2023.

COGO, Denise M. **Comunicação, Interculturalidade e Organizações: Face e dimensões da contemporaneidade**. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

DANTAS, Guibson. **O que é, afinal, Relações Públicas?** In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2016, Curitiba. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul. São Paulo: Intercom, 2016.

DANTAS, Guibson. **As Relações Públicas Internacionais como instrumento de política externa brasileira: o caso da Declaração de Teerã**. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 21, n. 46, 2022. DOI: 10.5902/2175497768225. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/68225>. Acesso em: 5 jul. 2023.

DANTAS, Guibson. **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea**. In: 23º Congresso de Ciências da Comunicação na região Centro-Oeste, 05.,2023, Campo Grande. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

---

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro(a) no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

NORONHA PEREIRA, L. **A inscrição de autores negros pela literatura afro-brasileira como tema em uma ação extensionista**. Revista Extensão, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 68–76, 2022. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaextensao/article/view/2459>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RISTOFF, D. **Vinte e um anos de educação superior: expansão e democratização**. Cadernos do GEA, Rio de Janeiro, n. 3, jan.-jun. 2012.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1982.

SILVA, A. S. **Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.